

1

Introdução

Esta dissertação se concentra no marco do pensamento de Kant, a obra *Crítica da Razão Pura*, embora recorra a trabalhos pré-críticos, à correspondência de Kant, bem como a textos de História e sobre o Esclarecimento (*Aufklärung*) até o *Opus Postumum*, para traçar e desenvolver a relação de dogmatismo e ceticismo na filosofia crítica de Kant.

As duas distinções fundamentais para compreender esse trabalho são entre o dogmatismo e o procedimento dogmático, e entre o ceticismo e o método cético. Essas distinções têm um significado especial para Kant, pois ele assimila elementos do dogmatismo e do ceticismo, os quais considera fundamentais para a filosofia, mas rejeita ambos caso sejam tomados como uma metodologia exclusiva ou universal.

Portanto, deve-se evitar confundir, ao se chamar o ceticismo de método, que se refere ao ceticismo como método exclusivo para o conhecimento, com o método cético do pirronismo, que se refere sobretudo à habilidade da *isosthenia*, que consiste contrapor argumentos opostos em equilíbrio. Do mesmo modo, não se deve confundir o procedimento dogmático, que para Kant está conectado com o próprio procedimento discursivo da filosofia (distinto do modelo matemático), com o dogmatismo, que, por exemplo, está na base do realismo transcendental.

Para Kant, o único método filosófico legítimo, exclusivo e universal, é o criticismo. O criticismo refuta o dogmatismo e ceticismo tomados como métodos irrestritos, generalizados para a filosofia, não o procedimento dogmático discursivo e o método cético pirrônico (a suspensão de argumentos opostos em equilíbrio), que Kant assimila como partes integrantes e vivas do sistema crítico, na correlação entre método e a natureza da razão.

Em ambos os casos, procedimento dogmático e método cético dizem respeito a uma parcela de verdade, proveitosa para o conhecimento, contida no dogmatismo e no ceticismo, mas que não se equivalem a esses métodos tomados exclusivamente, ao menos para Kant, que os assimila na filosofia crítica. Sobretudo, a habilidade da *isosthenia* e proceder dogmaticamente são para Kant

exercícios impostos pela natureza da própria razão, que estão relacionados à extensão possível e aos limites do conhecimento humano.

Desse modo, pode-se afirmar que a filosofia crítica de Kant apóia-se na interdependência de “método” e “elementos” ¹. Para efetivar a autocrítica da razão, é preciso fazer uso do método cético e do procedimento dogmático e, uma vez em posse do método crítico, entende-se precisamente por quê: esses métodos se justificam pela natureza da própria razão e suas dimensões. Assim, metodologia e teoria da razão se unem; justificam-se e apóiam-se mutuamente. Nesse sentido, a doutrina do método não é um apêndice à doutrina do Idealismo Transcendental, muito menos à autocrítica da razão, nem mesmo é uma consequência derivada dessas, pelo contrário, proceder dogmaticamente e contrapor argumentos opostos em equilíbrio, ambos com uma finalidade crítica, é um movimento dinâmico que é interno e pertence à natureza da filosofia crítica de Kant.

De forma semelhante, Adorno aponta em Aristóteles a união entre considerações epistemológicas e metodologia, entre a *Metafísica* e o *Organon*, a qual permitiria falar de um sistema aristotélico ². Em Kant, a conexão entre as considerações sobre a natureza do modo de conhecer e o método crítico se dá na forma de uma reforma do dogmatismo e do ceticismo, bem como do racionalismo e do empirismo, uma vez submetidos à autocrítica da razão, que, assim, deve ser entendida como uma metodologia e como uma propedêutica ao conhecimento filosófico, sendo essa conexão, pode-se afirmar, um *problema transcendental* – pelo qual se entende aqueles que se impõem ao homem como homem, mas que, no entanto, não se reduzem tão-somente a um problema de autoconhecimento, mas os quais o homem eternamente se coloca devido à própria condição humana. Eis um resumo de todas as seções da dissertação:

2.1 No primeiro capítulo, tentamos situar brevemente a filosofia de Kant com *Kant e a Filosofia Moderna*, assinalando a influencia da retomada do ceticismo antigo no renascimento para a filosofia moderna como um todo e para o pensamento de Kant em particular.

¹ A maior divisão da *Crítica da Razão Pura* é entre a “Doutrina transcendental dos Elementos”, e a “Doutrina Transcendental do Método”, muito díspares em extensão.

² ADORNO, T. W. *Metaphysics*. Stanford: Stanford University Press, 2001, p. 25.

2.2. Em *Bacon e Kant*, tentamos pensar a influência de Bacon em Kant, e a proximidade de seus projetos filosóficos. Ambos almejam assentar o conhecimento humano em seu domínio legítimo e evitar o “erro ilimitado”. Como figura na antitética das *Antinomias* de Kant, Bacon contrapõe os empiristas aos filósofos dogmáticos, sendo necessário um método para resolver o impasse entre eles - o método *experimental* para Bacon, e o método *crítico* para Kant. Dessa maneira, Bacon e Kant concentram-se no caminho a ser perseguido, a partir dos obstáculos impostos pelos homens enquanto homens, não da refutação de sistemas de filosofia em particular.

2.3. Fundamental para essa dissertação é a exposição sucinta da doutrina do *Idealismo Transcendental*, e como essa se situa, de uma perspectiva do homem, entre o dogmatismo e o ceticismo, bem como prepara o terreno para a autocrítica da razão.

2.4. Em *Metafísica e Modernidade*, buscamos compreender a “revolução copernicana na filosofia” como, sobretudo, uma revolução na metafísica, de modo de Kant confere a essa disciplina um “acabamento final” às suas características propriamente crítica e moderna.

3.1. No segundo capítulo, iniciamos com a *Distinção entre o dogmatismo e o procedimento dogmático*. Kant desde cedo rejeita o fato de se imitar o modelo da matemática como método filosófico, entretanto, sustenta um procedimento sistemático, não intuitivo, mas discursivo, no qual não há *dogmata*, mas sim *acroamata*.

3.2. Em sequência, analisamos a indelével *Tendência dogmática*, que é a mais forte do homem no tocante ao conhecimento, a tendência primeira e duradoura à qual o entendimento humano está inclinado, em que pode manter-se à sombra de seus medos e de sua preguiça.

3.3. Contra essa tendência, deve lutar o *Esclarecimento (Aufklärung)*, entendido não somente como a saída da menoridade, a emancipação de uma relação de tutela, mas ainda como, a partir da autonomia de pensar por si mesmo, a coragem de pensar a si mesmo, portanto, como a saída para a negatividade de refletir sobre as contradições e riscos em que a autonomia pode implicar.

3.4. Em *Dogmatismo, Religião e Comunicação*, vimos como o diálogo é fundamental para manter o pensamento vigoroso. Não somente isso, a liberdade

de pensar tem como responsabilidade tornar os pensamentos passíveis de serem comunicados, condição sem qual, não há na realidade a busca do conhecimento.

3.5. Os dogmáticos não desejam afirmar como as coisas aparecem ou parecem ser, mas sim como são em si ou em sua existência real. Esse é o tema de *Aparência versus Coisa em si e Ontologia*. Analisamos como Kant transforma a ontologia e quais as suas possibilidades então.

4.1. O terceiro capítulo inicia com a distinção entre três *Variedades de Ceticismo*, que desqualifica o ceticismo “véu das percepções”, que surge na época moderna com influência, sobretudo, cartesiana, como dogmatismo negativo e problema irrelevante para a metafísica – de fato, um pseudoproblema. O ceticismo de influência de Hume, como recebe formulações e soluções kantianas, não é tratado em particular.

4.2. Em seguida, há uma breve exposição do *Ceticismo pirrônico*, que não é uma doutrina da dúvida, mas com a certeza do erro dos dogmáticos é levado à suspensão do juízo. O que melhor o caracteriza é a descrença e a circunspeção, bem como uma atitude de abertura na busca à verdade.

4.3. Em *Kant e o pirronismo*, tratamos do contato de Kant com o pirronismo na década de 1760, como marcou o seu pensamento tanto em sua necessidade para a metafísica, quanto nas suas limitações para oferecer repouso definitivo à razão humana.

4.4. A relação madura de Kant com o pirronismo se evidencia com *A distinção entre o ceticismo e o método cético*, pela qual o filósofo determina especificamente como e em qual domínio as habilidades pirrônicas da *isosthenia* e *epoché* são necessárias.

4.5. O “método pirrônico” tem lugar propriamente na *Antinomia da Razão Pura*, conflitos cosmológicos da razão consigo própria, os quais precisam ser, primeiro, analisados ceticamente, para que possam, então, receber uma solução crítica.

4.6. Em *Limites e Fronteiras*, constata-se que os primeiros são contingentes, até mesmo arbitrários, ao passo que as últimas denotam uma ignorância *a priori*, atestada reflexivamente no próprio modo de conhecer, sendo, assim, um conhecimento imanente do que não podemos conhecer a partir do caráter particular do nosso próprio modo de conhecer.

5. No último capítulo, iniciamos com a discussão do princípio interpretativo de Kant, pelo qual julga ser capaz de retirar o que há de melhor de diversos pensadores, e não rechaça nenhum por ser cético ou dogmático e, desse modo, defende o ecletismo.

5.1. Consideramos ser a luta contra a *Doença da razão*, a confusão entre fenômeno e coisa em si, a essência da filosofia crítica de Kant. Como essa confusão e o próprio dogmatismo são as tendências mais fortes do conhecimento, é preciso “sair do nosso círculo”, o que nos é mais próximo e cômodo, e nos “relacionar com outros mundos”, para adotar novas e até mesmo contrárias perspectivas de modo a alargar nosso pensamento.

5.2. Em *O novo dogmatismo de Kant*, tratamos da síntese do procedimento dogmático e do método cético na filosofia crítica. Pode-se afirmar que o filósofo de Königsberg entende que essa união metodológica deve-se à natureza da própria razão humana, que não tem uma única tendência ou direção, mas é ambivalente e assim requer mais de uma categoria para abarcá-la, tanto para conhecer a sua nomotética, quanto para impor a ela suas fronteiras. No entanto, esse novo dogmatismo, reflexivo, subjetivo e imanente, peca ao adotar o dogmatismo negativo com essas mesmas qualidades, e afirmar que espaço e tempo são nada mais que formas puras da sensibilidade.

5.3. Na seção sobre *Reflexão e Autoconhecimento*, analisamos a sua relação íntima, e como, sobretudo a partir do século XIX, a reflexão passa a ser a operação capaz não somente de desvelar o conhecimento de si, como o próprio mundo, assinalando o estado de insulamento do homem da natureza. Ao passo que, para Kant, o autoconhecimento é uma propedêutica para a investigação da natureza, e esta capaz de ampliá-lo.

5.4. Na *História da Razão Pura*, investimos em como, para Kant, a história da filosofia, uma progressão empírica de sistemas de pensamento, expressam uma necessidade da própria razão. Seria possível escrever não uma história empírica da filosofia, mas uma história filosófica do filosofar, o qual traz consigo a imperiosa transição metodológica de dogmatismo, ceticismo e criticismo para o autoconhecimento da razão.

5.5. Em *Filosofia e Filosofar*, consideramos essa distinção nos termos da sistematicidade própria à exposição da filosofia, e da liberdade do pensamento característico do filosofar, que não pode estar comprometido, *a priori*, com sua

exposição, com seus resultados, com sua finalidade. Desse modo, a atividade filosófica, como um todo, requer um trabalho dialético: unir em um sistema filosófico a expressão do filosofar. A filosofia, como exposição, tende ao dogmatismo, a sustentar teses positivas; a crítica, portanto, deve conciliá-la ao empreendimento propriamente cético, de busca e investigação, do filosofar, e, assim, compor e apresentar um sistema o melhor possível completo, acabado, porém aberto a contribuições, que propicie a contínua investigação e busca da verdade.

5.6. Pode-se pensar que a morte é um símbolo pelo qual o dogmatismo, o ceticismo e o criticismo tornam claro o seu caráter específico. Esse é o tema que se propõe a investigar em *Sobre a Morte*. Pensar na morte é o liame por excelência entre o natural e o hiperfísico, sendo um tema que impõe às diferentes formas de filosofia expressar as conseqüências reais que as suas idéias têm sobre a vida, i.e., não permite que o abstrato se mantenha simplesmente abstrato, nem que o pensamento pautado pelas aparências, com o apoio e a segurança do autoevidente, não deixe transparecer suas concepções genuinamente filosóficas.